

RECENSÕES

HATTRUP, Dieter. *Darwins Zufall oder wie Gott die Welt erschuf*. Freiburg: Herder, 2008. 295p.

Formado em Matemática e Física, tendo defendido tese em Matemática, Dieter Hattrup estudou e se doutorou em Teologia, área em que também se habilitou em 1990. Atualmente é professor de Teologia Sistemática em Paderborn, na Alemanha e Friburgo, na Suíça. Profundo conhecedor de Filosofia, em função da Teologia, dedica-se ao diálogo entre as diversas áreas do conhecimento e à reflexão da Fé. Dentre suas obras devem destacar-se: *Einstein und der würfelnde Gott*, abordando os limites do conhecimento nas Ciências Positivas e Teologia; *Die Wirklichkeitsfalle*, a respeito do drama da busca da verdade nas Ciências Positivas e na Filosofia; *Der Traum der Weltformel oder Warum das Universum schweigt*, sobre as tentativas de uma fórmula unificadora na Cosmologia.

A presente obra se insere numa série de publicações que especialmente repercutem as questões da teoria da evolução, nos 200 anos de Darwin e nos 150 de *The Origin of Species*. Em âmbito alemão, podem mencionar-se, por exemplo: LÜKE, U. et al. (Hrsg.). *Darwin und Gott: Das Verhältnis von Evolution und Religion*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2004; KLINNERT, L. *Zufall Mensch? Das Bild des Menschen im Spannungsfeld von Evolution und Schöpfung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2007; HORN, O.; WIEDENHOFER, S. *Schöpfung und Evolution: Eine Tagung mit Papst Benedikt XVI. in Castel Gandolfo*. Augsburg: Skt. Ulrich, 2007; KUMMER, Ch. *Der Fall Darwin: Evolutionstheorie contra Schöpfungsglaube*. München: Pattloch, 2009. Como tendência geral, pode observar-se a aproximação entre a teoria darwiniana e a fé cristã. Certamente um marco definitivo nesse caminho foi estabelecido pelo discurso de João Paulo II, em 1996, quando afirmou claramente o valor explicativo dessa teoria para a diversidade das espécies. É claro que o problema ainda sempre remanescente é o do lugar do ser humano, questão à qual se dedicam boa parte das obras mencionadas. Mesmo que hoje se possam interpretar posições favoráveis ao chamado *design* inteligente, não parece que nos meios rigorosamente científicos e na Teologia encontre aceitação.

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 39	n. 2	p. 253-257	maio/ago. 2009
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------

Para Hattrup a pergunta pelo ser humano e por Deus se articula em torno da dupla acaso e necessidade, o que poderia lembrar J. Monod (*Le Hasard et la Nécessité*, 1970). No entanto, se para o biólogo francês aqui se conclui para o mecanicismo, o teólogo alemão descobre o espaço da liberdade e de Deus. Aliás, o nome do francês não aparece, embora haja uma referência a sua frase a respeito do ser humano “como um cigano na periferia do universo” (p. 267). Dividido em cinco seções, *Darwins Zufall* se ocupa da exclusão do acaso (1), da sua volta (2), do reino mágico do ateísmo (3), do acaso e da evolução (4), para concluir com a liberdade de Darwin (5). “Eu penso que acaso e necessidade como par são indícios de uma nova realidade”, diz o Autor logo no prefácio, enunciando sua tese central: acaso e necessidade como base para a ciência. E admitindo o silêncio do livro de Darwin sobre o tema da liberdade que invadiu a natureza por sua intuição genial, não esconde seu humor em dizer que “esse livro [...] se toma a liberdade de tratar da liberdade na natureza” (p. 7).

Na introdução, com algumas referências circunstanciais e biobibliográficas, é apresentada a visão de conjunto da obra, anunciando, inclusive, sua continuação posterior. Imediatamente a leitora e o leitor são lembrados de alguns conceitos que, além de Darwin, acompanharão as páginas seguintes: Física quântica, Biologia molecular, Teoria da relatividade, pesquisas cosmológicas e ateísmo científico, Albert Einstein ou mesmo Stephen Hawking. A invasão do acaso nas pesquisas da natureza, ao lado da necessidade abre “uma lacuna” pela qual entra o movimento no mundo e mesmo Deus, não como tapa-buracos, mas na forma da liberdade. A presença do acaso na natureza faz com que a realidade seja distinta da natureza, ou melhor, a realidade seja captada mais profundamente, enquanto maior do que a natureza. Consequentemente, nem o dualismo, “que separa Deus e natureza em dois âmbitos, nem o monismo, que põe ambos como uma só coisa”, pode estar certo. A preocupação do livro segue, então, “o caminho mental do sesquismo, porque a realidade está construída antes pelo princípio do um e meio, o que no latim justamente se chama *sesqui*” (p. 14; cf. p. 147, em especial, p. 260).

O primeiro capítulo, reiterando a intenção do livro de “olhar especialmente para as ciências da natureza” (p. 18), está centrado no “duro programa newtoniano” (p. 45-80) de unificar a explicação do universo com uma única lei geral. De fato, a leitura e interpretação da Física tendem ao mecanicismo determinista, mesmo ressaltando o fato

de o autor dos *Principia Mathematica* não ter aceito as consequências monistas de suas leis da natureza. Em rápidas lembranças, e eventuais fórmulas, a seção vai explicitando o impacto da Física na Filosofia, nas relações entre Deus e universo, bem como na liberdade, sempre na direção das leis necessárias em que não existe lugar para o acaso, por longos duzentos anos de soberania incontestes. No entanto, como Hatstrup relembra, entre outras coisas, com a segunda lei da termodinâmica (“Em cada sistema fechado existe uma grandeza [entropia] que nunca diminui”), a teoria corpuscular da luz e os trabalhos de Max Planck entra para a ciência um fator de imprevisibilidade, o acaso (cf. p. 76-80s).

O retorno do acaso, na segunda seção, inicia com a exposição das pesquisas de Max Planck que levaram, em 1900, à constante de Planck, e assim comprovam saltos casuais na natureza (cf. p. 101). Mesmo contra sua própria vontade, observa Hatstrup, o físico de Berlim foi obrigado a abdicar da fixidez das leis da natureza. De modo semelhante, as várias tentativas de uma redução determinista na Física, ao longo do século XX, desfilam pelas páginas do texto como testemunhas de uma busca sem resposta definitiva. Mesmo a ideia de vários universos, a teoria das cordas, ou os experimentos para provar a existência de parâmetros ocultos sempre deixaram o espaço ao acaso. Mas como entender esse conceito? Hatstrup cita Carl Friedrich von Weizsäcker, para quem se pode falar cientificamente do acaso “quando, em situações que nós conceitualmente caracterizamos como semelhantes, em casos isolados *de facto* ocorre algo diverso” (cf. p. 99). Assim, para Hatstrup, o acaso expressa o limite do conceito, em sua possibilidade de captar a realidade, por mais necessário que seja em sua provisoriidade. A relação entre acaso e necessidade parece, então, ser a chave para o acesso à realidade. De fato, abarcar toda a realidade implicaria a supressão do sujeito cognoscente em pura objetivação. Como isso não é possível, será preciso contar com o limite do conhecer como parte do conhecimento. A ideia de um eventual princípio antrópico (forte ou fraco) de evolução da natureza para a vida e para o ser humano, também não é aceita pelo Autor. O fato de existirem condições favoráveis ao aparecimento do ser humano, não serve como demonstração, mas pode ser visto como indício para um criador. Cabe à Filosofia e à Teologia refletir os efeitos que as ciências naturais exercem sobre ambas, o que no caso atual lhe será favorável contra efeitos negativos do mecanicismo tradicional (cf. p. 138).

A terceira parte do livro faz um itinerário do ateísmo, que anteriormente fora vinculado ao mecanicismo da Modernidade (cf. p. 46; 65-68; aqui p. 159-176) e às tentativas determinísticas, mesmo quando seus autores não o aceitassem como consequência de suas fórmulas. O problema de Deus é formulado, então, a partir da sua personalidade ou objetificação: se Deus é uma coisa em si ou se é uma pessoa. Para além da ontoteologia (palavra inicialmente usada por Kant, cf. p. 152-153) do pensamento de Hegel (uma encruzilhada do ateísmo moderno, cf. p. 155) e de Nietzsche, a consciência dos limites e da morte no ser humano obriga a fazer as contas com a liberdade do ser humano e da transcendência. Não, porém, uma transcendência que se oponha à liberdade e sim que, bem-entendida, lhe seja fundamento. Com efeito, nem mesmo a evolução é linear e determinística. Em sua casualidade mantém-se ambígua e por si mesma não pode garantir-se: “A natureza destrói a natureza, a graça cura e aperfeiçoa” (p. 190).

Chega-se, desse modo, às duas seções finais, dedicadas à evolução e à liberdade. Embora Darwin não tenha destacado o acaso como parte da sua teoria (o termo ocorre em torno de 60 vezes, segundo o nosso autor, p. 202, mas não com o mesmo sentido) muito mais centrada na seleção e adaptação, Dieter Hatstrup aqui faz uma interpretação própria, mencionando também a descoberta do DNA como parte desse caminho. O ser humano aparece como aquele que reconhece a sua situação contingente e mortal, mas cuja explicação final não cabe no Darwinismo, enquanto ideologia de uma Sociobiologia, por exemplo (cf. p. 221; cf. p. 186). Também não cabe num criacionismo (ainda que sob a versão do *design* inteligente) apenas construído com as lacunas explicativas da evolução. O erro de ambas as posições, diagnostica nosso autor, está no *somente*: somente por evolução ou somente por criação. A solução proposta: “Acaso e necessidade são as pedras fundamentais da natureza; atuam conjuntamente e constituem a natureza. No entanto, não são toda realidade” (p. 237). Para o conjunto da realidade é indispensável a liberdade, numa “convergência por meio do acaso e da necessidade” (p. 241).

Na última seção, dedicada à liberdade, parte-se do acaso, que entrou na Física e na Biologia, ao lado da necessidade, já conhecida enquanto causalidade. Contudo, a razão suficiente só pode estar no conceito, uma espécie de “natureza ambígua (*Zwienatur*)” que une o apropriar-se e o ser apropriado (p. 254). O conceito é uma espécie de resistência à morte, com o qual o ser humano se interpreta (se diz e é dito) e se expõe à

transcendência. De modo semelhante à sua ambiguidade (*Zwienatur*), a dualidade se manifesta na concepção da estrutura de alma e corpo. Não é dualística e nem monística, mas “entre”, como “unidade da dualidade (*Zweiheit*) de corpo e alma” (p. 258). Sobre esse pano de fundo a liberdade emerge em sua contingência que resiste à visão de totalidade. Assim como o acaso, que produz um efeito sem ser causado, também a liberdade “põe em movimento uma cadeia causal sem ser ela mesma posta em movimento” (p. 259). Portanto, nem determinismo e nem puro acaso, mas sesquismo, uma Filosofia transcendental elevada, que transferiu a causalidade da objetividade da natureza para a subjetividade do cognoscente” (p. 260). Desse modo é possível falar em liberdade, finita, na criação, e infinita na origem: do acaso, como um dos princípios explicativos da natureza à liberdade no ser humano, e do ser humano a Deus, esse é o curso da liberdade. É a liberdade de se poder oferecer ao outro, e a liberdade infinita que se torna humana em Jesus de Nazaré, tornando-a livre com a redenção (p. 276).

Do ponto de vista da apresentação, a linguagem do texto é agradável e bem-humorada, mas evidentemente requer noções de Física, Cosmologia e Biologia evolutiva, além de Filosofia e Teologia. Como parte de sua qualificação, o autor se mostra bem-informado do estado atual dessas áreas de pesquisa e é capaz de fazer-se entender. Salvo pequenos erros de digitação (talvez algumas “liberdades” algorítmicas?!), o livro está bem-cuidado.

Para pessoas interessadas no diálogo entre ciências positivas e Teologia, essa é uma obra recomendável e pode figurar entre as pesquisas em outros mundos linguísticos, como da Universidade de Oxford, por exemplo. É particularmente útil para quem, sendo cientista positivo, está interessado nas questões religiosas e de fé. Uma compreensão teológica sem fazer concessões a integristas ou fundamentalistas, num debate sincero e competente, mostra que a fé e a ciência podem e devem aprender uma da outra sem se destruírem ou anularem.

Érico Hammes
PUCRS